Em busca do letramento¹: as origens sociais e intelectuais dos estudos sobre letramento²³

Harvey J. Graff*

Resumo:

Com base em uma abordagem histórica, institucional e comparativa, discute-se neste artigo a origem dos estudos sobre letramento e suas consequências para o atual debate sobre o tema. Analisam-se os significados que o letramento adquire em cada época, destacando-se as crenças que nele são postas desde, pelo menos, a Renascença, e trabalham-se as cisões, as falsas dicotomias e os lugares institucionais em relação às disciplinas que dele se ocupam e às ações-práticas a ele relacionadas. Associado a noções de progresso, civilização e controle social, o letramento está em constante crise, o que contribui para fazer avançar estudos interdisciplinares. Questionando termos como cultura escrita e o lugar das disciplinas acadêmicas, o texto convoca a fazer novas perguntas para o avanço da área.

Palavras-chave:

Estudos sobre letramento; interdisciplinaridade; mito do letramento; alfabetização; leitura; escrita.

¹ O termo em inglês *literacy*, como o próprio autor explicita ao longo do artigo, pode ser traduzido para, no mínimo, quatro palavras em português: alfabetização, alfabetismo, letramento e cultura escrita. Optamos, salvo em alguns momentos, por traduzir a expressão como *letramento*, pois a julgamos mais próxima do sentido que o autor lhe confere. (N.R.).

² Este artigo tem origem em uma conferência realizada pelo autor no V Colóquio Internacional Letramento e Cultura Escrita, realizado em Belo Horizonte em agosto de 2014. Por isso, pode-se constatar a linguagem oral que predomina em muitos momentos do texto.

³ Tradução de Pedro Milliet. Revisão técnica de Ana Maria de Oliveira Galvão.

* Doutor em Filosofia (University of Toronto) (1975). Eminent Scholar. Ohio State University - Columbus - Ohio - Estados Unidos.

Searching for Literacy: The Social and Intellectual Origins of Literacy Studies

Harvey J. Graff

Abstract:

Based on a critical historical, institutional, and comparative approach, this article discusses the origins of Literacy Studies and their implications for the current debate on the subject. Addressing the meanings that literacy acquires during different time periods, especially the beliefs with which it is associated since at least the Renaissance, the paper addresses false dichotomies and institutional locations referred to by different disciplines and the beliefs and actions related to them. Associated with notions of progress, civilization and social control, literacy is in permanent crisis, which contributes to calls for interdisciplinary studies. Putting into question such terms as written culture and the place of academic disciplines, the article calls for new questions to the advancement of the area.

Keywords:

Literacy Studies; Interdisciplinarity; Literacy myth; Literacy. Reading; Writing.

En busca del alfabetismo: los orígenes sociales e intelectuales de los estudios sobre el alfabetismo

Harvey J. Graff

Resumen:

Basado en un enfoque histórico, institucional y comparativo, el artículo trata de los orígenes de los estudios sobre el alfabetismo y sus implicaciones para el debate actual sobre el tema. Se analizan los significados que el alfabetismo adquiere en cada época, especialmente las creencias que se ponen en él desde, al menos, el Renacimiento, se trabajan las desavenencias, las falsas dicotomías y los lugares institucionales con relación a las asignaturas que de él se ocupan y las acciones-prácticas relacionadas con él. Asociado con las nociones de progreso, civilización y control social, el alfabetismo está en crisis constante, lo que contribuye al avance de los estudios interdisciplinarios. Cuestionando términos como cultura escrita y el lugar de las disciplinas académicas, el texto nos lleva a hacer nuevas preguntas para el avance del área.

Palabras clave:

Estudios sobre alfabetismo; interdisciplinariedad; mito del alfabetismo; alfabetización; lectura; escritura.

O letramento está entre as questões mais prementes das eras moderna e contemporânea. Mesmo não sendo uma área de estudos amplamente reconhecida, ela própria tem se identificado como um campo interdisciplinar e histórico. No imaginário popular, o letramento é visto como uma condição *sine qua non* para o alcance da cultura e do progresso, seja pelos indivíduos seja pelas sociedades e nações. Além disso, tem tido sua existência proclamada em uma impressionante diversidade de tipos – hoje podem ser identificadas mais de cem variedades de letramento. Ao mesmo tempo, o letramento parece resistir a uma suposta transmissão universal.

Sendo de interesse acadêmico e público, os estudos sobre letramento se proclamam como novidade, mas, na verdade, não o são: eles estão enraizados, fundamentalmente, em seu próprio passado disciplinar e multidisciplinar, batalhando incansavelmente por reconhecimento, identificação, lugar institucional e financiamento. A eles se relacionam também consideráveis interesses comerciais. Além disso, os estudos sobre letramento estão presos, pelo menos em parte, ao ideal de uma superioridade nacional, econômica e cultural, o que promove seu compromisso em tornar o mundo melhor.

Ao mesmo tempo, os estudos sobre letramento negligenciam relações disciplinares e interdisciplinares – assim como seus conflitos e divisões – das quais eles próprios se originam e para as quais desejam contribuir. Essa postura deriva e, simultaneamente, resulta na negligência da sua própria história. Grandes cisões e, com elas, oportunidades perdidas persistem fortemente no campo. Essas fissuras incluem problemas (parciais e totais), definições, discursos e relacionamentos. Os estudos sobre letramento são estranhamente divididos por dicotomias que se iniciam com pares como letramento/analfabetismo, letramento/oralidade, leitura/escrita ou alfabeto/outras representações. Os debates são, por vezes, inflamados e exagerados, resultando no que tenho definido como *mito do letramento*⁴, um conceito bem conhecido.

⁴ A expressão *literacy myth* foi cunhada por Harvey Graff em seu livro *The literacy myth: cultural integration and social structure in the nineteenth century*, publicado pela primeira vez em 1979 (Graff, 1991). Nesse livro, analisando o caso do Canadá no século XIX por meio de uma exaustiva pesquisa de fontes, o autor mostra que as relações entre letramento e fenômenos como o progresso pessoal ou societal ou entre analfabetismo e criminalidade não são diretas nem universais e somente podem ser compreendidas em contextos espaciais e temporais muito específicos. O impacto de sua obra pode ser mais bem compreendido quando se analisam os

Em meu novo projeto, *Searching for literacy: the social and intellectual origins of Literacy Studies*⁵, abordo essas questões de uma perspectiva original, comparativa, histórica e crítica. Ele está baseado e, ao mesmo tempo, dá continuidade à minha série de estudos sobre história do letramento e ao meu mais recente livro: *Undisciplining knowledge: pursuing the dream of interdisciplinarity in the 20th century – a history*⁶ (Johns Hopkins University Press, 2015). O projeto questiona como o estudo e a compreensão sobre o letramento (e os letramentos) se desenvolveram, mas também indaga, de forma mais abrangente, o que podemos chamar de entendimento social e histórico da produção e organização do conhecimento.

Os estudos sobre letramento são mais bem entendidos quando os consideramos em um período de tempo mais largo do desenvolvimento intelectual e sócio-cultural, já que eles demandam um foco mais amplo e dinâmico sobre onde e como o letramento se manifesta, considerando-se a variedade enorme de disciplinas e de lugares institucionais aos quais estão relacionados. Para dar alguns exemplos, subcampos em disciplinas ou interdisciplinas que lidam com questões de letramento incluem leitura, escrita, desenvolvimento infantil e adulto, estudos cognitivos, sociolinguística, estudos comparativos e de desenvolvimento e estudos de comunicação e mídia, incluindo estudos de cultura popular.

Fatores “externos” e de desenvolvimento – social, cultural, político e econômico –, como necessidades em tempos de guerra, consequências de

modos como a alfabetização e o letramento eram compreendidos até então e como passaram a ser analisados por autores como Brian Street (1984). Posteriormente à publicação dessa obra seminal, Graff desenvolveu outras pesquisas sobre a mesma temática, revisitando-a particularmente em trabalhos publicados mais de trinta anos depois (Graff, 2010, 2011). Mais recentemente, o autor também tem trabalhado em outras áreas da história social, como a história do *growing up*, a história urbana e a história da interdisciplinaridade. Muitos de seus livros foram publicados em países como Canadá, Inglaterra, Alemanha, Itália, Portugal, Espanha e China, além do Brasil e Estados Unidos. (N.R.).

⁵ *Em busca do letramento: as origens sociais e intelectuais dos estudos do letramento.*

⁶ *Indisciplinando o conhecimento: perseguindo o sonho da interdisciplinaridade no século XX: uma história* [tradução livre]. Em seu novo livro, Harvey Graff realiza uma história crítica das iniciativas de interdisciplinaridade existentes em diversos campos do conhecimento – como a biologia genética, as humanidades, as ciências cognitivas, os estudos culturais e os estudos sobre letramento – nos mais de cem anos de existência da universidade moderna. (N.R.).

contatos interculturais globalizados, colonialismo, ciclos de “descobertas” de novos problemas sociais, combinam-se, geralmente com contradições, com correntes de mudança que ocorrem no interior das disciplinas e entre elas. Em muitos casos, eles estimulam mudanças de pontos de vista. No contexto das universidades e da organização do conhecimento por elas realizada, essas mudanças podem levar a críticas, a assertivas diferentes e, algumas vezes, a articulações institucionais tanto dentro como fora das “fronteiras” dos departamentos ou das seções acadêmicas que recebem o nome de interdisciplinares.

Com os estudos sobre cultura escrita não é diferente. As histórias da escrita, impressão e, mais recentemente, da comunicação e mídia eletrônicas, mostram isso, mas nós raramente somos sensíveis ou assimilamos essa compreensão.

Uma abordagem mais completa e útil dos estudos sobre letramento começa, “no mais tardar, por volta dos anos 1920 e 1930”. Ela lança um olhar cuidadoso sobre o período entre meados do século XVIII e início do século XX; idealmente, olha ainda mais longe (mesmo que brevemente): para a Renascença e também para a Antiguidade Clássica. Esses estudos localizam, em contextos históricos específicos, o construir dinâmico de nossos entendimentos (incluindo teorias e políticas), instituições e expectativas que culminaram no(s) letramento(s) moderno(s), com suas complexidades, seus respectivos estudos, suas principais disciplinas (e onde e quando elas passaram a se cruzar).

Julgamentos e arranjos modernos, tipicamente institucionalizados em áreas de estudo distintas, desenvolveram-se a partir de correntes fundamentais do Iluminismo, as quais enfatizavam a maleabilidade humana, o per feccionismo, as capacidades de aprendizado, o ambientalismo e o institucionalismo. Eles foram parcialmente reinterpretados pelo profundo e dividido reconhecimento do Romantismo em relação ao poder e à importância do “outro” – tanto do estranho ou primitivo que reside em nós mesmos quanto dos “estranhos” propriamente ditos, ambos inseridos no ocidente moderno e em regiões “recém-descobertas”. Questões sobre linguagem e ordem estavam no cerne de ambos.

Os tempos iniciais e fundantes dos estudos sobre letramento também se caracterizam pelo encontro entre “civilizações” e “crianças selvagens” (*enfants savage*), nobres ou em estado primitivo, residentes nas ilhas do Sul que confrontaram os exploradores. São, portanto, indissociáveis das

ações dos missionários (cujo trabalho na criação de alfabetos e línguas escritas inicialmente para “traduzir” a Bíblia – como auxílio em seu proselitismo – é, fundamentalmente, parte dos estudos sobre letramento e linguística), dos conquistadores, dos colonizadores e dos colonos. Todos utilizaram noções modernas iniciais (e tardias) do letramento ocidental (e suas esperadas influências) em seus esforços de expansão e de “conquista”, domesticando e elevando o primitivo e o diferente. É aqui que se encontram os elos perdidos entre a psicologia e a antropologia. Aqueles que moravam nos países de origem dos exploradores – os pobres, as “minorias”, os imigrantes e outros –, poderiam, no entanto, ser mais ameaçadores do que aqueles que estavam longe. Na antropologia e nas artes, o primitivo e o oral foram, muitas vezes, razões de celebração, mas as associações positivas com o letramento e as associações negativas com o analfabetismo também eram frequentes. Por vezes, fortes tendências, oriundas de um entrelaçamento entre o Iluminismo e o Romantismo, criticaram essas associações, mas outras apoiaram as expectativas depositadas em relação ao progresso e ao desenvolvimento modernos – e às suas conexões com o letramento (cultura escrita). Aqui se encontram, em parte, as origens da ciência social moderna.

Em tempos mais remotos, inclusive na Renascença e na Antiguidade Clássica, também estava presente – a princípio de modo hesitante – a convicção de que a escrita e a leitura eram, ao menos em algumas circunstâncias significativas, superiores a outros meios de comunicação, especialmente a transmissão oral. Por um lado, isso ocorria em consequência do desenvolvimento de determinados papéis sociais naqueles contextos; por outro, algumas pessoas influentes pensavam que o uso da palavra escrita levava a mudanças cognitivas pessoais e, eventualmente, coletivas. Desse modo, começaram os primeiros estudos sobre letramento, suas teorias e instituições.

As primeiras formas de uso de leitura e escrita se originaram de necessidades religiosas, do governo e do comércio. Lentamente, a fé na força da instrução formal foi se concretizando em locais conhecidos como escolas – inicialmente para alguns poucos meninos (mas com tutoria especial para outros, incluindo as meninas). Alguns projetos políticos enfatizaram a importância da socialização para a construção da cidadania e temas correlatos. Outros ressaltaram a importância do letramento em termos de sua utilidade ou práticas e habilidades necessárias.

Ao longo do tempo, locais destinados à instrução foram se expandindo para incluir um maior número de pessoas, especialmente os mais jovens. Essa conjuntura de época passou a ter uma influência poderosa sobre as futuras gerações. Nessas formulações, o letramento se tornou o centro do processo educativo, que abarcava atitudes sociais, controle, moralidade cívica, ao lado da prática intelectual e do treinamento de habilidades que trariam contribuições produtivas para a economia, a política e a sociedade. As ferramentas para cumprir esses papéis eram inicialmente alfabetos simplificados que ajudavam a juntar signos e sons a palavras e frases; depois se expandiram, com a inclusão de papel, canetas e vários modos de reprodução e circulação de textos, primeiro escritos à mão e, depois, impressos. A superioridade da tecnologia e a inferioridade dos “iletrados” eram dadas como certas, estruturando construções sobre o que se compreendia como letramento. A história do letramento, certa ou errada, veio para ocupar o centro (por vezes implicitamente) da ascensão da civilização e do progresso no Ocidente.

Esses elementos tornaram-se inseparáveis na medida em que se associaram aos incansáveis esforços do capitalismo de refazer o mundo – e a palavra escrita, impressa e reproduzida – à imagem do mercado e de suas instituições (com outras imagens e sons). Tornaram-se inseparáveis da busca por refazer o jovem, em particular, para o estranho novo mundo. Eles marcam e servem, ao mesmo tempo, como representações nas tradições que emergiram para estudar e entender o letramento a partir da Renascença (ou mesmo antes).

Desse modo, não nos surpreende que o desenvolvimento e a institucionalização das disciplinas nas universidades ocidentais nos séculos XIX e XX incorporaram os entendimentos sobre letramento dos quais foram herdeiras, especialmente, mas não somente, nas ciências sociais – antropologia, linguística, psicologia, economia, política – e nas humanidades – estudos clássicos, história, literatura, filosofia. Os primeiros relacionamentos entre as áreas resistiram a esforços de mudanças. Mais tarde, a fragmentação disciplinar daí resultante não apenas contribuiu para a construção de estudos interdisciplinares sobre letramento, mas também para limitá-los, o que expressa as muitas contradições – as quais eu denomino de *mito do letramento* – que marcam o lugar ocupado pelo letramento nas culturas ocidentais e nas vidas de muitas pessoas, ontem e hoje.

As oportunidades para compreender as possibilidades e os limites de novos entendimentos sobre o tema resultam de uma interação – dentro e entre – que denomino de *aglomerados disciplinares* (as ciências humanas, as artes, as ciências sociais e as ciências básicas constituem os mais importantes aglomerados disciplinares). Não menos importante é a interação dinâmica, crítica e complementar, entre as disciplinas. Nesse processo, as disciplinas-chaves de antropologia, linguística e psicologia fornecem poderosos exemplos. Entre eles, podemos citar os estudos sobre oralidade e literatura oral, as práticas de escrita cotidianas, a “leitura” e sua onipresença em múltiplas mídias e a busca por implicações cognitivas e não cognitivas do letramento. Aqui, também, vemos a presença ativa do letramento em valores, ideologias e nos capitais cultural, econômico e político. Tempos desestabilizadores podem ser oportunidades para o avanço ou recuo de abordagens disciplinares, assim como para movimentos interdisciplinares – e, o mais importante, para o letramento e os letramentos.

No que diz respeito aos estudos sobre letramento nos últimos dois séculos (pelo menos), um dos mais poderosos vetores tem sido o medo e, com frequência, a certeza de que o letramento está em declínio (ou não está em expansão), e que, por essa razão, a família, a moral, a ordem social, o progresso e o desenvolvimento socioeconômico também estão em declínio. Essa ideia acompanha um dos momentos mais transformadores na história do letramento e de seus estudos: de uma ordem “pré-moderna”, na qual o letramento era temido e (parcialmente) restrito, para uma ordem mais moderna, na qual o analfabetismo (ou o letramento adquirido e praticado fora do controle das instituições formais) é temido.

Quando tomados comparativamente, e acentuados por conflitos e concorrências internacionais, a desordem social e as divisões, as migrações internacionais, o declínio de fertilidade e o aumento da mortalidade, o fracasso do “capital humano” para crescer e circunstâncias similares, os níveis de letramento passam a se constituir alvos de estudos e ações que podem reverter a “onda assustadora”. As escolas e a cultura popular atraem a atenção e têm, por sua vez, o potencial de impulsionar ações disciplinares e conflitos e, algumas vezes, esforços interdisciplinares.

Essa aparente “crise” sem fim do letramento, que marcou, sobretudo, o período entre meados do século XX e o início do século XXI, é inseparável das ansiedades da guerra fria, da reestruturação econômica global com suas mudanças colaterais na sociedade e na cultura, das

transformações nas mídias e na comunicação e também das novas e persistentes desigualdades. “Problemas sociais” aparentemente sem precedentes tornaram-se chamadas estimulantes para “soluções” interdisciplinares. Campanhas de analfabetismo movem paixões tanto nos países desenvolvidos como naqueles em desenvolvimento. O papel do letramento, como causa ou consequência (ou ambos ao mesmo tempo), torna-se muito complexo de se desenredar, o que torna ainda mais difícil o desenvolvimento de estudos sobre o tema.

Para os estudos sobre o letramento, essas complicações frequentemente se encontram com uma ou outra das principais abordagens identificadas com as “grandes divisões”⁷ que consideram o letramento – quase que por sua própria “natureza” – como algo universal, sem mediação e transformador em seu impacto. Nessa direção, são citados com frequência: a leitura e a escrita como *tecnologias do intelecto*, o poder do alfabeto grego, o impacto da imprensa, mudanças cognitivas na escrita e/ou na leitura, entre outros. Comparativamente, a construção dessa tradição de estudos e desse entendimento foi relativamente simples. Nas últimas décadas, entretanto, outros trabalhos têm enfatizado cada vez mais as influências socioculturais e os efeitos contextuais do letramento como aquisição, prática e uso. Entre os elementos destacados nesses trabalhos, constam as teorias psicológicas, as escolas e outros ambientes, as famílias e as comunidades, as culturas da prática e as práticas e usos da leitura e da escrita em meios tradicionais e novos.

Todos esses aspectos também têm influenciado, de maneira poderosa, o pensar sobre *cultura escrita*.

Na segunda metade do século XX, em conjunto com outras disciplinas e interdisciplinas, os estudos sobre letramento assistiram a outras “viradas”, entre as quais as de natureza social, contextual, cognitiva, linguística e histórica. Com essas mudanças de caminhos, veio a adoção de significativos teóricos franceses – os “padrinhos” –: de Levy-Bruhl e Levi-Strauss a Pierre Bourdieu e Bruno Latour. Esses desenvolvimentos por vezes interagem e aprofundam conflitos entre as disciplinas, e promovem interesse em soluções interdisciplinares.

⁷ O autor se refere à expressão associada, no campo de estudos sobre letramento, aos primeiros estudos do antropólogo inglês Jack Goody, os quais teriam provocado a “grande divisão” (*great divide*) entre sociedades com escrita e sociedades sem escrita (N.R.).

As trajetórias dos estudos sobre letramento são reveladoras. Recentemente, testemunhamos uma ênfase no cotidiano e nas práticas, incluindo uma discussão sobre o próprio conceito de prática. Isso levou a um esforço de mudança do domínio de grandes teorias, que ressaltavam a importância universal da escrita sobre o oral, do impresso sobre o escrito, do letrado sobre o iletrado ou não escolarizado, bem como as consequências e as implicações do letramento. Prática e contexto, explorados em uma variedade de circunstâncias e tradições, parcialmente ultrapassaram os pressupostos dos poderes não mediados e das vantagens do letramento. De certa forma, a emergência de alguns estudos recentes sobre letramento é originária da percepção de que as primeiras conceituações e pressuposições sobre o tema eram inadequadas e da busca por novos métodos e fontes que poderiam servir de base para revisões mais profundas, e para reações a eles.

Os estudos sobre letramento continuam a lutar com dicotomias fundamentais – a fabricação de mitos – entre oral e letrado, entre escrito e impresso, entre impresso e eletrônico, e com letramento como transformação. Eles continuam a guiar, dividir opiniões e orientar estudos. Consequentemente, o descaso de longa data por pesquisas ricas sobre oralidade e literatura oral pode ser visto como marca, ao mesmo tempo, tanto dos limites de muitos esforços interdisciplinares quanto do poder das disciplinas.

Os proponentes dos Novos Estudos sobre Letramento (NLS⁸) não reviveram Albert Lord ou Milman Parry ou Lev Vigotsky, entre outros. A persistência e a importância da oralidade são regularmente revisitadas entre as disciplinas assim como o são os modernos *letramentos múltiplos*. Nada disso é novidade. Como também não o são os fundamentos coletivos da leitura, da escrita e da *cultura escrita*. A heterogeneidade das construções do domínio cognitivo também aflige os estudos de letramento, o que é outra maneira instrutiva de fazer conexões.

Como isso se aplica ao tema cultura escrita?

A questão que levanto é: por que os conceitos e estudos sobre cultura escrita precisam de um histórico, em uma perspectiva crítica e

⁸ O autor se refere aqui, aos *New Literacy Studies*, denominação pela qual ficaram conhecidos os estudos realizados por autores como Brian Street e colaboradores, principalmente a partir dos anos 1990 (N.R.).

comparativa, dos estudos sobre letramento? Por que eles ignoram os estudos históricos sobre letramento por sua conta e risco?

Considerem um aglomerado de signos e definições de letramento/escrita em português. Conforme Ana Maria de Oliveira Galvão me disse há mais de dois anos (em correspondência de 20/03/2013),

No Brasil nós temos, pelo menos, quatro traduções para a palavra “literacy”: “Alfabetização” – o termo mais original e antigo que quer dizer aprender a ler e escrever (por exemplo, o título de seu livro *Labyrinths of literacy* foi traduzido como *Os labirintos da alfabetização*⁹); *Alfabetismo* – o título de um artigo seu publicado em um periódico acadêmico brasileiro, *The literacy myth*, recebeu o nome de *O mito do alfabetismo*¹⁰; *Letramento* – por exemplo, o ensaio escrito por Jack Goody e Ian Watt, *The consequences of literacy*, foi traduzido como *As conseqüências do letramento*¹¹; e “Cultura escrita” (*writing culture*) – por exemplo, o livro de Walter Ong, *Orality and literacy*, recebeu o título de *Oralidade e cultura escrita*¹², que vem a ser *Orality and written culture*. Para complicar ainda mais, em Portugal o termo *literacy* foi traduzido como *literacia*, e autores espanhóis bastante lidos no Brasil, como Castillo Gomez e Viñao Frago, costumam utilizar a expressão “cultura escrita”. Na maioria dos casos, no Brasil, quando falamos sobre cultura escrita estamos colocando mais ênfase nos aspectos sociais, culturais e históricos do que quando usamos o termo “alfabetização” ou “letramento”, ambos usados principalmente pelos que têm como interesse principal ensinar as crianças a ler e escrever.

Então, o que vem a ser escrita/ cultura?

O conceito de cultura escrita baseia-se no mito, e nos equívocos dele decorrentes, de que existiriam formações culturais específicas que poderiam ser caracterizadas como de *cultura escrita*. Essa pressuposição, por sua vez, fundamenta-se em noções construídas a partir da relação com um outro, com uma formação cultural oposta à do pesquisador, de cultura não escrita e oral, quase sempre considerada inferior e menor.

⁹ Graff (1995).

¹⁰ Graff (1990).

¹¹ Goody e Watt (2006).

¹² Ong (1998).

Essas noções se assemelham, em parte, ao que eu chamo de *o mito do letramento*. As duas concepções limitam a produção do conhecimento e prestam um verdadeiro desserviço à humanidade, tanto do passado quanto do presente.

São, na verdade, noções a-históricas e estáticas. Para que possamos desconstruí-las, o reconhecimento de que o “meio” mudou e de que existe hoje uma pluralidade de textos e de que a expressão *cultura* deve ser posta sempre no plural – *culturas* – já é um passo inicial.

Considerem, portanto, a ideia de mito (ou mitos) da cultura escrita. A nova *Encyclopedia of Language and Education* define o termo *mito do letramento* como:

O mito do letramento se refere à crença, contemporânea e histórica, relacionada a ambientes educacionais, cívicos, religiosos, entre outros, de que a aquisição do letramento é um pré-requisito necessário e que dele resulta o desenvolvimento econômico, a prática democrática, o aprimoramento cognitivo e a mobilidade social ascendente. Apesar de muitas tentativas frustradas de mensurá-lo, o letramento, em sua formulação, tem se revestido de qualidades inegáveis e imensuráveis, conferindo uma certa predileção no quesito da ordem social, elevado senso de moralidade e um metafórico “estado de graça”. Esses pressupostos têm uma linhagem histórica venerável e têm sido expressos de diferentes maneiras, desde a Antiguidade, passando pela Renascença e Reforma e novamente pelo Iluminismo – período durante o qual o termo letramento esteve relacionado às noções de progresso, ordem, transformação e controle. Associada a essas crenças está a convicção de que os benefícios atribuídos ao letramento não podem ser alcançados por outros meios, nem podem ser atribuídos a outros fatores, sejam eles de natureza econômica, política, cultural ou individual. Ao contrário, o letramento tende a ser considerado de forma isolada, como uma variável independente e crítica. Essas atitudes, em seu conjunto, constituem [o que Graff denomina] “o mito do letramento” (muitos pesquisadores já adotaram essa terminologia) (Graff & Dufy, 2007, p. 41)¹³.

¹³ *Literacy Myth refers to the belief, articulated in educational, civic, religious, and other settings, contemporary and historical, that the acquisition of literacy is a necessary*

Quase todas as concepções de *cultura escrita* se fundamentam em noções limitadas e herdadas tanto de *escrita* como de *cultura* e de uma combinação acrítica que superestima o poder de ambas. Elas estão arraigadas em teorias, ideologias, políticas, instituições e expectativas. São inseparáveis de estruturas de poder e autoridade – desigualdades do passado e do presente.

Nós acadêmicos, por estarmos profundamente comprometidos com a preservação dessas noções, precisamos nos tornar (pelo menos parcialmente) também seus críticos. Essa postura demanda uma noção muito mais ampla e profunda de crítica – histórica e comparativa – que ultrapasse os nossos esforços usuais de enfatizar desigualdades (por um lado) e diversidade (por outro). Também não podemos relegá-la ao passado, apesar de todos os esforços já realizados. Eu convoco a comunidade de pesquisadores para fazer mais... Podemos aprender com o grande educador brasileiro, Paulo Freire (1970), sobre esses mitos, sobre algumas alternativas e também sobre os limites das teologias da “libertação” da alfabetização. Freire (1970) sabia que a alfabetização ou a escrita, por si próprias, *não* eram libertadoras. Ele também sabia que pedagogia *não* iria apagar a opressão.

Considerem essas reflexões em direção a um novo um começo...

1) Vamos desconstruir a noção de cultura escrita e vamos nos voltar para uma perspectiva dinâmica e dialética dos estudos sobre o letramento.

precursor to and invariably results in economic development, democratic practice, cognitive enhancement, and upward social mobility. Despite many unsuccessful attempts to measure it, literacy in this formulation has been invested with immeasurable and indeed almost ineffable qualities, purportedly conferring on practitioners a predilection toward social order, an elevated moral sense, and a metaphorical “state of grace”. Such presumptions have a venerable historical lineage and have been expressed, in different forms, from antiquity through the Renaissance and the Reformation, and again throughout the era of the Enlightenment, during which literacy was linked to progress, order, transformation, and control. Associated with these beliefs is the conviction that the benefits ascribed to literacy cannot be attained in other ways, nor can they be attributed to other factors, whether economic, political, cultural, or individual. Rather, literacy stands alone as the independent and critical variable. Taken together, these attitudes constitute [what Graff has called] “the Literacy Myth”. [Many researchers and commentators have adopted this usage.] (Graff & Duffy, 2007, p. 41).

Por que significar a *cultura escrita* em contextos críticos, históricos, comparativos e interativos?

2) Devemos reconceitualizar e redefinir cultura escrita – seria essa proposta, em si mesma, uma redundância? Quando não podemos equiparar escrita e cultura? Quando o fazemos, o que deixamos de fora? Por que isso importa? Em que direção esse procedimento pode nos levar?

3) Vamos reconstruir a noção de cultura escrita: podemos reconceitualizar ambos, escrita e cultura, seguindo o que Freire (1970) falou metaforicamente como “ler a palavra e ler o mundo”? Reconstruindo tanto a *escrita*, como forma de expressão e comunicação, composição e desempenho em diferentes mídias (e formas de acesso) quanto a *cultura*, como diferentes formações com uma base e operação distintas? Como isso se relaciona com nossa nova percepção de *novas mídias* – algumas nem tão novas assim? E em relação ao que são *multimídias* e *multimodais*? Quando começaremos a explorar as relações ao invés das oposições e dicotomias?

Essa reconstrução significará ver cultura escrita como:

- histórica e contraditória;
- dinâmica e desenvolvimentista;
- fundamentada na leitura e na escrita, consideradas em sentido lato;
- constituída e transmitida nas formas oral e escrita;
- coletiva e individual;
- variável e fundamentada tanto nas continuidades quanto nas mudanças;
- constituída de contradições e resistências e uma estrutura conflitante de autoridade.

De maneira similar, devemos dar mais atenção, de um modo mais aprofundado, próximo e crítico, a:

- formas e ambientes de aprendizagem;
- linguagens e comunicação;

- idade/gerações; classe social, etnia, origem, sexo, origem geográfica, recursos e localidades;
- circunstâncias, contextos e modos de produção;
- “textos”;
- modos de composição e fabricação;
- meios e modos de acesso;
- modos e níveis e formas de fazer sentido;
- expressões de significado e comunicação;
- modos de transmissão;
- processos de preservação.

Todos esses elementos devem ser considerados uns em relação aos outros e em espaços históricos, sociais, culturais, políticos e econômicos concretos.

De outra maneira, estaremos repetindo e reforçando os mitos do passado e do presente e transformando-os em mitos do futuro, como ocorre quando operamos com a maioria das noções que temos de *cultura escrita* ou *civilização*.

E por que tudo isso tem importância? Essa é a questão que eu gostaria que cada um de nós ponderasse e respondesse a si mesmo e como comunidade de pesquisadores. Aqui eu faço uma citação do intelectual norueguês Johan Galtung (*Literacy, education and schooling for what?*¹⁴).

O que aconteceria se o mundo inteiro se tornasse letrado? Resposta: não muito, pois o mundo está amplamente estruturado em determinado modo que está preparado para absorver esse impacto. Mas se o mundo inteiro fosse de indivíduos letrados, autônomos, críticos, capazes de traduzir ideias em ações de maneira individual ou coletiva – aí sim o mundo mudaria (Galtung, 1976)¹⁵.

¹⁴ *Letramento, educação e escolarização para quê?*

¹⁵ *What would happen if the whole world became literate? Answer: not so very much, for the world is by and large structured in such away that it is capable of absorbing the impact. But if the whole world consisted of literate, autonomous, critical, constructive people, capable of translating ideas into action, individually or collectively – the world would change.*

Passo, agora, às muitas questões relacionadas à *cultura escrita*.

Um problema extremamente importante que nós podemos discutir é relativo às “dicotomias, divisões e oposições”. Enfatizo a necessidade de articulá-las em contextos históricos e comparativos. Refiro-me, por exemplo, a essas questões e peço a vocês que considerem os exemplos de “nossas” próprias pesquisas:

- grandes divisões, incluindo primitivo e civilizado, estático e progressista. Todas as construções de letramento são ideológicas. Tanto as abordagens autônomas como as ideológicas são potencialmente poderosas;
- letramento/analfabetismo;
- letramento/oralidade;
- alfabético/outras representações, símbolos e signos;
- escrito/impresso;
- impresso/eletrônico;
- múltiplos letramentos (negociações, traduções);
- propósitos e usos da leitura e da escrita;
- letramento como transformação.

No entrecruzamento dessas dicotomias, podemos encontrar fios de conexão:

- Leitura e escrita (nos diferentes meios e nos diversos modos de compreensão e expressão)

Conferir sentido;

Comunicar a compreensão.

- Oralidade e letramento – composição, desempenho e recepção

- Coletivo e individual

- Teoria, ideologia, expectativas *versus* aprendizado, prática e usos

Essa perspectiva – fundamentada crítica, teórica, histórica e comparativamente – mas que não pode ser compreendida como uma teoria por si só – enfatiza a importância do(a):

- Inclusão dos contextos, tantos os limitadores quanto os facilitadores;

- Aquisição;
- Prática;
- Utilização;
- Valor [sic];
- Resposta.

Talvez a mais importante de todas – e a menos apreciada – seja a conexão crucial entre os mitos – históricos e contemporâneos –, as expectativas e as formas como estão enraizados e as maneiras que dão embasamento às atitudes, políticas, institucionalizações e julgamentos. Para lidarmos com esse conjunto de conjecturas que nos estruturam, precisamos lançar as nossas redes mais amplamente. Nessa direção, teremos de estudar cultura escrita de distintas maneiras, nas mais variadas circunstâncias de vida e em relações vividas e escritas, experimentadas e documentadas.

É tão fácil estudar o escrito e o impresso, mas tão difícil estudar o que é lido e escrito como praticados, especialmente em suas formativas e fundamentais relações com concepções, ideologias, políticas, instituições e expectativas.

Lutando por reconhecimento, os estudos sobre letramento ocupam um terreno ambíguo tanto do ponto de vista disciplinar quanto do interdisciplinar. Em parte, trata-se de uma questão de lugar de produção, mas também de uma questão de status. A ampliação dos estudos sobre letramento, seu surgimento e desenvolvimento, contribui para que eles se façam presentes em muitos departamentos acadêmicos e disciplinas. Isto vale para a educação, as ciências sociais e as humanidades e também (em menor escala) para as ciências, a medicina, a saúde pública, o direito e os negócios. Esse padrão é problemático por algumas razões críticas. No panteão das disciplinas, centrar o interesse nos estudos sobre letramento frequentemente não significa muito no ranking que as hierarquiza. É que os estudos sobre letramento, por bons motivos, são considerados básicos e elementares, o que não contribui para impulsionar sua posição. Com frequência, por uma questão de reputação, eles são vistos como inseparáveis das escolas e das faculdades de educação.

A interdisciplinaridade proclamada nos estudos sobre letramento às vezes serve apenas como rótulo promocional: novidade, relevante, sedutora – em termos acadêmicos – e atraente, por questões práticas, para

cidadãos, governos e corporações, de *como fazer*, por exemplo, para publicar textos, entre outras ajudas. Somam-se a essa confusão percepções de crises ou, no mínimo, de problemas sérios em relação ao letramento popular. Essa promoção, menos problemática em escolas profissionais, busca beneficiar os seus departamentos de origem, faculdades ou universidades, podendo também provocar reações negativas.

Evidentemente, os estudos sobre letramento têm presença nos departamentos acadêmicos que acolhem disciplinas identificadas frequentemente como as que mais contribuíram para os Novos Estudos de Letramento (NLS) ou, de modo geral, para os estudos sobre letramento, ou seja, nos departamentos relacionados às ciências sociais: antropologia, linguística e psicologia. Em um momento ou outro, cada uma dessas disciplinas já se atribuiu o status de ciência aplicada, senão pura ou básica. A psicologia, seguida pela linguística, demonstra a maior das ambições com enorme interesse em leitura, escrita, desenvolvimento e cognição. Todas as três reforçam a relevância contemporânea e às vezes comparativa - geralmente puxando a brasa para a sua sardinha - das perspectivas, métodos e teorias de suas próprias disciplinas, mesmo quando se autoproclamam interdisciplinares. Profissionais dessas áreas quase sempre ocupam posições centrais em programas e centros interdisciplinares sobre letramento.

O que proponho é uma abordagem intelectual, cultural, histórica e institucional, levando os estudos sobre letramento de volta aos seus fundamentos pré-disciplinares e disciplinares, identificando e conferindo suas raízes. Nesse sentido, é essencial a busca por relações e, com elas, o necessário entendimento, a revisão e a clareza para um novo começo, que possa significar dar novos passos rumo a um futuro diferente para os estudos sobre letramento. Isso representaria um experimento na história social do conhecimento.

Referências

- Freire, P. (1970). *Pedagogy of the oppressed*. New York: Continuum.
- Galtung, J. (1976). Literacy, education, and schooling - for what? In L. Bataille (Ed.), *A turning point for literacy: adult education for development* (p. 98-99). New York: Pergamon Press.
- Goody, J., & Watt, I. (2006). *As consequências do letramento*. São Paulo, SP: Paulistana.

Graff, H. J. (1991). *The literacy myth: cultural integration and social structure in the nineteenth century (new edition with a new introduction)*. New Brunswick, NJ: Transaction. (Obra original publicada em 1979).

Graff, H. J. (1990). O mito do alfabetismo. *Teoria & Educação*, (2), 30-64.

Graff, H. J. (1995). *Os labirintos da alfabetização: reflexões sobre o passado e o presente da alfabetização*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas.

Graff, H. J. (2010). The literacy myth at 30. *Journal of Social History*, (43), 635-661.

Graff, H. J. (2011). *Literacy myths, legacies and lessons: new studies on literacy*. New Brunswick: Transaction Publishers.

Graff, H. J. (2015). *Undisciplining knowledge: interdisciplinarity in the twentieth century*. Baltimore: Johns Hopkins University Press.

Graff, H. J., & Duffy, J. (2007). Literacy myths. In B. V. Street, & N. Hornberger. *Encyclopedia of language and education* (2a ed., Vol. 2). Berlin and New York: Springer.

Ong, W. (1998). *Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra*. Campinas, SP: Papirus.

Street, B. (1984). *Literacy in theory and practice*. Cambridge: Cambridge University Press.

Endereço para correspondência:

Harvey J. Graff

Department of English – OSU - 421 Denney Hall
164 W 17th Ave - Columbus OH, 43210 - USA
E-mail: graff.40@osu.edu

Submetido em: 14/04/2015

Aprovado em: 17/05/2015

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.